

**FIO DO CANÇO: MARCA LINGÜÍSTICA IDENTITÁRIA DO
ITABAIANENSE**

Raquel Meister Ko. Freitag¹

Juliana Carla dos Santos²

Solange dos Santos³

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos alguns resultados de uma investigação sobre os usos da expressão “fio do canço” na perspectiva da avaliação dos falantes na comunidade de fala de Itabaiana/SE. Os resultados apontam que esta expressão funciona como um estereótipo lingüístico na comunidade, nos termos de Labov (1972).

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipo lingüístico; comunidade de fala; sociolingüística.

ABSTRACT: In this text we present some results of a survey about uses “fio do canço” lexical construction in the perspective of speaker’s evaluation in Itabaiana/SE community of speech. This results point that construction works as a linguistic stereotype in the community, in terms of Labov (1972).

KEY WORDS: Linguistic stereotype; community of speech; sociolinguistic.

¹ Doutora em Lingüística (Sociolingüística) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Núcleo de Letras/Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS. Líder do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS/CNPq). E-mail: rkofreitag@uol.com.br

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFS. E-mail: jucarla_17@hotmail.com

³ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFS. E-mail: solange_neo@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em uma perspectiva sociolingüística mais ampla, a análise da língua no contexto social não pode restringir-se apenas ao cotejamento quantitativo de formas lingüísticas à estrutura social. Estudos mais recentes (ECKERT, 2000) têm ressaltado a importância da análise da estrutura e evolução da língua no âmbito da comunidade de prática, entendendo a variação lingüística como uma prática social. Alinhado aos objetivos do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS), este trabalho foca em um aspecto constitutivo de uma comunidade de prática lingüística: a constituição e representação de estereótipos lingüísticos na comunidade de Itabaiana/SE. “Estereótipos” são um dos três tipos de traços identificados por Labov, nas variáveis sociolingüísticas, associados à avaliação social atribuída às variantes – e, em certos casos, entre os elementos que o autor rotula como “marcadores” (LABOV, 1972, p. 314). Labov contrapõe os “estereótipos” (traços socialmente marcados de forma consciente) aos “marcadores” (traços lingüísticos social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva) e aos “indicadores” (traços socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa) – os dois últimos tidos como decorrentes de julgamentos sociais inconscientes. Dessa forma, num contínuo de avaliação social, temos, do mais ao menos marcado socialmente: estereótipo > marcador > indicador. Vale destacar que a avaliação das formas variantes é um dos cinco problemas centrais no estudo da mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e consiste basicamente em responder à questão: “como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma dada mudança, e qual é o efeito desta avaliação sobre a mudança?” (LABOV, 1982, p. 28).

Labov (1972) define estereótipos como formas lingüísticas fortemente estigmatizadas, de grande impacto social. E acrescenta:

Produto de avaliação social, os estereótipos constituem-se como marcas que representam a fala de indivíduos, de grupos ou classe de indivíduos. Nesse sentido, os estereótipos resultam da seleção de algumas formas – as mais

freqüentes, as mais salientes, as mais privativas – que, simbólica ou efetivamente, funcionam como índices de pertencimento social, regional, sexual, etário, etc. (LABOV, 1972, p. 314)

Neste texto, analisamos o uso do termo “canço” como uma marca lingüística estereotipada do itabaianense. A fim de averiguarmos o uso da palavra *canço* em Itabaiana, realizamos uma coleta de dados seguindo o método etnográfico, o qual se destina à análise descritiva das sociedades humanas, principalmente as tradicionais e de pequena escala. Realizamos a gravação de entrevistas baseadas em um questionário-guia, no qual foram estabelecidas questões acerca da origem, do significado, do julgamento por parte dos informantes e a sua utilização, por meio das seguintes perguntas:

- a) Em sua opinião, qual a origem da palavra “canço”?
- b) Qual o significado da palavra? Falar o “canço” é o mesmo que?
- c) O que você acha a respeito da palavra “canço”? Considera como palavrão?
- d) Já utilizou? Em que situação (elogiar ou ofender)?

A coleta foi realizada com falantes naturais da cidade de Itabaiana. Para deixar que o informante falasse normalmente, a presença do gravador foi ocultada e os entrevistadores buscaram aproximar-se ao máximo da linguagem informal, para que assim o conteúdo das entrevistas não fosse prejudicado. A amostra foi composta por vinte informantes, estratificados quanto ao sexo, idade e escolaridade. Vale ressaltar que houve dificuldade em encontrar informantes da faixa etária de mais de 50 anos, em virtude destes recusarem falar sobre o assunto (canço). Assim, essa amostra foi composta por oito informantes para cada faixa etária, sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, exceto na faixa de mais de 50, na qual, obtivemos apenas quatro informantes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, que se dispuseram a participar da pesquisa.

Também fazem parte da amostra da investigação dados decorrentes de desenvolvimento de atividade com alunos da 6ª série de uma escola da rede estadual de

ensino – Colégio Estadual Dr. César Augusto Leite –, e também alunos da disciplina Sociolingüística do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, os quais foram convidados a refletir sobre estereótipos na região do Agreste Central sergipano: *Como você caracterizaria o Itabaianense típico (ou o representante típico de cidades da região)? Que traços você ressaltaria? Como ele fala? Como ele se veste? Que qualidades estão associadas a ele? E ela? Elabore uma representação visual ou textual, em prosa ou verso, retratando um estereótipo da região. Ressalte as características lingüísticas que o representante deve ter para se considerar e ser considerado “de Itabaiana” (ou das outras localidades).*

A amostra foi analisada qualitativamente e a seguir, após uma contextualização da comunidade de Itabaiana/SE, e aplicando-se o conceito de estereótipo laboviano, são apresentados os resultados referentes ao uso do termo “canço”, notadamente uma marca lingüística característica do falar itabaianense.

2 ESTEREÓTIPOS ITABAIANENSES

Localizada na região do agreste central sergipano, a cidade de Itabaiana é a cidade mais importante do Estado de Sergipe fora da região da Grande Aracaju. Situada na “serra” (cerca de 250 m acima do nível do mar, com o ponto mais alto de 650 m), com uma população estimada em 85.000 habitantes, a cidade vive do comércio (tem uma feira muito tradicional na região) e produção de hortaliças e grãos (fig. 1).



Figura 1. Localização geográfica de Itabaiana/SE

Além disso, a cidade é conhecida como “a capital dos caminhoneiros” na região Nordeste (fig. 2).



Figura 2. Representação do Itabaianense⁴

⁴Ilustração dos estereótipos lingüísticos itabaianenses de autoria dos estudantes da disciplina Sociolingüística, semestre 2008.1, do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, em Itabaiana/SE.

A relação dos itabaianenses com sua cidade é muito forte e positiva: a rivalidade com Aracaju, a capital, por exemplo, não existe, porque na opinião dos itabaianenses, Itabaiana tem tudo que é preciso, não é necessário ir à capital. “Capital do Agreste” e “Princesa do Agreste” (e por ocasião da campanha eleitoral municipal, um candidato a vereador chamou a cidade de “nossa metrópole”) são outras denominações atribuídas carinhosamente à cidade.

Tais traços apontam que a comunidade de Itabaiana é avaliada positivamente em termos de representação social. Vejamos na perspectiva lingüística.

Itabaianense na feira⁵

Saindo pra feira...

Itabaianense: Fia vô pra fera comprá fruta!

Na feira...

Itabaianense: Galego, quanto é essa acerola?

Feirante: Dois real a lata.

Itabaianense: Eitcha peste cara! Ma rapaiz! Amalera desse jeito?

Feirante: Faiz um e cinqüenta, escói, escói!

Itabaianense: Mim dê a bolsinha de “prasco” e a lata. Tome o dinhêro!

Feirante: Vote sempre fregueis!

Homem quando vê uma mulher bonita:

– Poxa! Que mulher bonita!

Itabaianense:

– “Fia do canço” gostosa!

Nestes esquetes, ficam registradas algumas marcas fortemente associadas à identidade itabaianense, tais como a feira e especialmente o termo “fio do canço”. Os itabaianenses também são associados às peculiaridades de sua fala, com traços reconhecidos regionalmente. Ao coletarmos dados para o projeto *Procedimentos Discursivos na fala de Itabaiana/SE* (Edital Universal 03/2007 FAPITEC/FAP-SE), por meio de uma entrevista realizada com um falante da comunidade lingüística de Itabaiana-SE, observamos o uso da palavra “canço”, a qual não é dicionarizada, porém muito utilizada nessa comunidade de fala, como podemos observar no fragmento a seguir:

⁵ Idem nota anterior.

F: ...quem foi o fio do CANÇO... que disse que eu coleí o CANÇO... em cima do outro CANÇO... do CANÇO da outra equipe...{M(17 a 26)}

A expressão “canço” – e seus usos na comunidade itabaianense – é uma marca lingüística fortemente estereotípica, uma vez que atende aos requisitos de avaliação social propostos por Labov (1972).

“rapaz... canço eu considero como uma marca registrada do povo de Itabaiana... por exemplo... você chegue em outra cidade... vá a Aracaju... você chegue a Aracaju... e solte esse nome... sem querer solte canço... aí o povo já olha pra você e já fala “esse é de Itabaiana”... esse ou é de Itabaiana ou tem parente lá pra falar esse nome” (MJ 14)

“canço tem muitos significados... depende da ocasião né? por exemplo... você tá no colégio... recebe a nota da prova... aí é aquela nota boa... “oh:: nota boa do canço” é sinal que o negócio foi bom né? e quando é ruim você fala “fia do canço essa nota” assim pra tudo... passa uma mulher bonita na rua “oh fia do canço boa”... passa uma mulher feia “vai canhão do canço” (MJ 3)

Nossa investigação aponta que a palavra “canço” possivelmente seja uma corruptela de câncer. A palavra “câncer” que no sentido dicionarizado significa tumor canceroso, blastoma, no ato de fala sofre uma alteração na grafia e transforma-se em um termo ofensivo ou em um adjetivo ou em um elemento intensificador, a depender do contexto. Para chegarmos a essas afirmações, organizamos os resultados em função da palavra “canço” originada da palavra “câncer”; da palavra “canço” considerada como palavrão; da utilização da palavra “canço”; e a utilização da palavra “canço” para ofender e elogiar.

2 A PALAVRA “CANÇO” ORIGINADA DA PALAVRA “CÂNCER”

Após a análise dos dados, com base na primeira pergunta do questionário que se refere à origem da palavra “canço”, consideramos duas hipóteses para interpretação de sua origem, uma relacionada à palavra “câncer” e outra ao verbo “cansar”. Essa última, porém, apresentou menor recorrência nas respostas dadas no questionário em relação à primeira. Para justificar a hipótese de que “canço” é originado de câncer, foi levado em consideração o fato de existirem outras palavras, consideradas como palavrões e que derivam de doenças degenerativas, a exemplo de:

- a) “cabrunco” derivada de carbúnculo – doença infecciosa, espécie de tumor gangrenoso, comum ao homem e aos animais; *Ex: Comi uma trufa boa do cabrunco! Eita festa boa do cabrunco! Ele é o cabrunco de feio!*
- b) “teto”, derivada de tétano - doença infecciosa comum ao homem e aos animais, produzida pelo bacilo de nicolaier, e que se caracteriza pela rigidez dos músculos; *Ex: Lá vem você com um enjôo do teto!*
- c) “cranco” derivado de cancro - tumor que corrói as partes em que se desenvolve. *Ex: Prova difícil do “cranco”!*

Há outras palavras que também se referem às doenças degenerativas e que apesar de não sofrerem alterações na grafia ganham sentido de palavrões, como:

- a) “gota”- doença das articulações, proveniente do excesso de ácido úrico no organismo; *Ex: Buraco que só a gota nessa cidade!*
- b) “gota-serena”- enfraquecimento ou perda total da vista, sem qualquer lesão no aparelho visual; *Ex: Tive um medo da gota – serena daquele cachorro!*

Em vista disso, torna-se pertinente afirmar que a palavra “canço” é originada da palavra “câncer”, seguindo a linha das demais palavras acima apresentadas. E, para validar essa afirmação, percebe-se que a maioria dos falantes entrevistados aponta para tal origem. Também é percebido que essa concepção é transmitida pelos mais velhos, pois, 75% dos entrevistados das faixas etárias de 30 a 49 e de mais de 50 afirmam que a palavra “canço” é originada da palavra “câncer”, enquanto que na faixa etária de 17 a 26 o percentual é de 60%. De modo geral 60% dos entrevistados confirmam essa hipótese.

Em virtude da comparação estabelecida na seção anterior entre a palavra “canço” e outros palavrões, coube investigar se os falantes da comunidade lingüística estudada a consideram como um palavrão. Segundo Alves (1990), o palavrão tem um papel importante na linguagem, pois forma uma metalinguagem e desperta variadas reações na sociedade. Dessa forma uma palavra pode possuir valores distintos dentro de uma comunidade. É nesse sentido que uma língua dá origem a vários tipos de linguagem, como, a popular que é a fala natural e fluente dos falantes e que se mostra quase sempre inovadora perante a gramática e utiliza gírias. Mas nem sempre as inovações são aceitas, adquirindo assim um caráter estigmatizado.

Com base nas respostas obtidas na terceira questão, na qual foi perguntada a opinião dos falantes com relação à palavra “canço”, buscou-se descobrir se essa é considerada como um palavrão. Os dados obtidos revelam que 60% dos entrevistados a consideram como palavrão. Nesse ponto torna-se relevante ressaltar que há influência do fator sexo nos resultados, pois 80% dos entrevistados do sexo feminino consideram como palavrão, ao passo que os do sexo masculino apenas 40% consideram. Portanto, pode-se afirmar que a palavra “canço” é considerada um palavrão estigmatizado pelas mulheres. E vale dizer que, aqueles que não a consideraram como palavrão afirmaram que essa é uma marca registrada dos itabaianenses ou relacionaram novamente à palavra “câncer”, como podem ser exemplificados respectivamente nos trechos a seguir:

“minha fia esse <<canço>> ta na boca de todo mundo ... eu falo mais <<cabrunco>> ... é mas esse <<canço>> é demais ... até ói me contaram meu tio falou uma história que um cara foi roubar lá em em ... São Paulo ... a í... chegou ::o dono do caminhão o cara ia roubar o pneu chegou dono de caminhão do caminhão e ficou falando aí na discussão o cara que que ia roubar o ladrão falou ca/ <<canço>> aí o dono do caminhão “eu já sei de onde é de Itabaiana né?” risos ((risos)) aí isso aí já é marca daqui mesmo dos itabaianenses.” {F (17 a 26)}

Vale ressaltar que mesmo aqueles que afirmaram nunca terem utilizado a palavra “canço”, afirmam já ter ouvido, diversas vezes, outras pessoas utilizarem. Com

isso pode-se observar que é possível dar a palavra “canço” um tratamento local, visto que caracteriza o falar próprio dos falantes da cidade de Itabaiana. Embora tenhamos limitado a pesquisa a essa localidade, encontramos relatos de pessoas que são identificadas como itabaianense pelo uso da palavra “canço”, como exemplificado no item anterior. Nesse sentido, podemos caracterizar essa palavra como um palavrão pertencente a essa comunidade lingüística, que às vezes é estigmatizada e outras vezes não. A representação dos estereótipos itabaianenses realizada pelos estudantes da 6ª série do Colégio Estadual Dr. Augusto César Leite confirma esta hipótese. Vejam-se as representações abaixo (fig. 3 a 6).

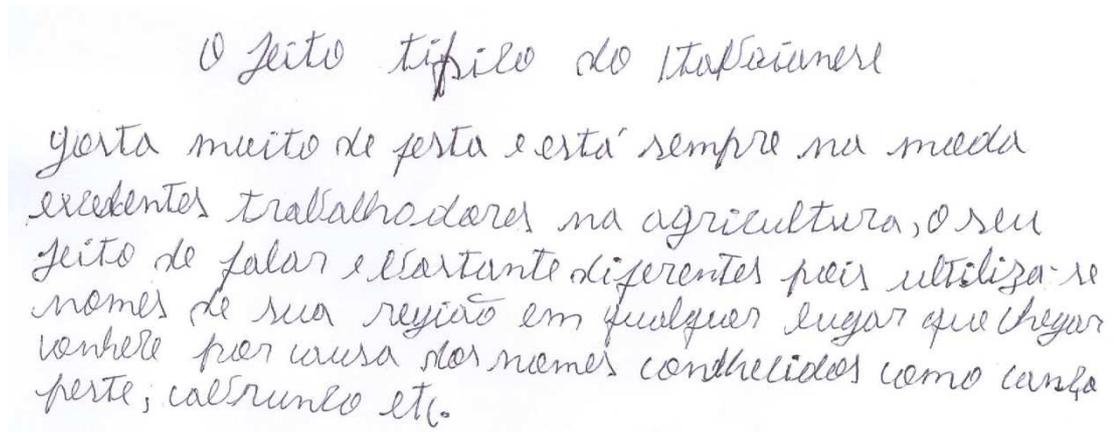


Figura 3. Traços lingüísticos itabaianenses

Na descrição da figura 3, o estudante aponta como característica que compõe o “jeito típico itabaianense” o uso de nomes como “canço”, “cabrunco” e “peste”, termos associados a traços pejorativos, considerados como palavrão e xingamento.

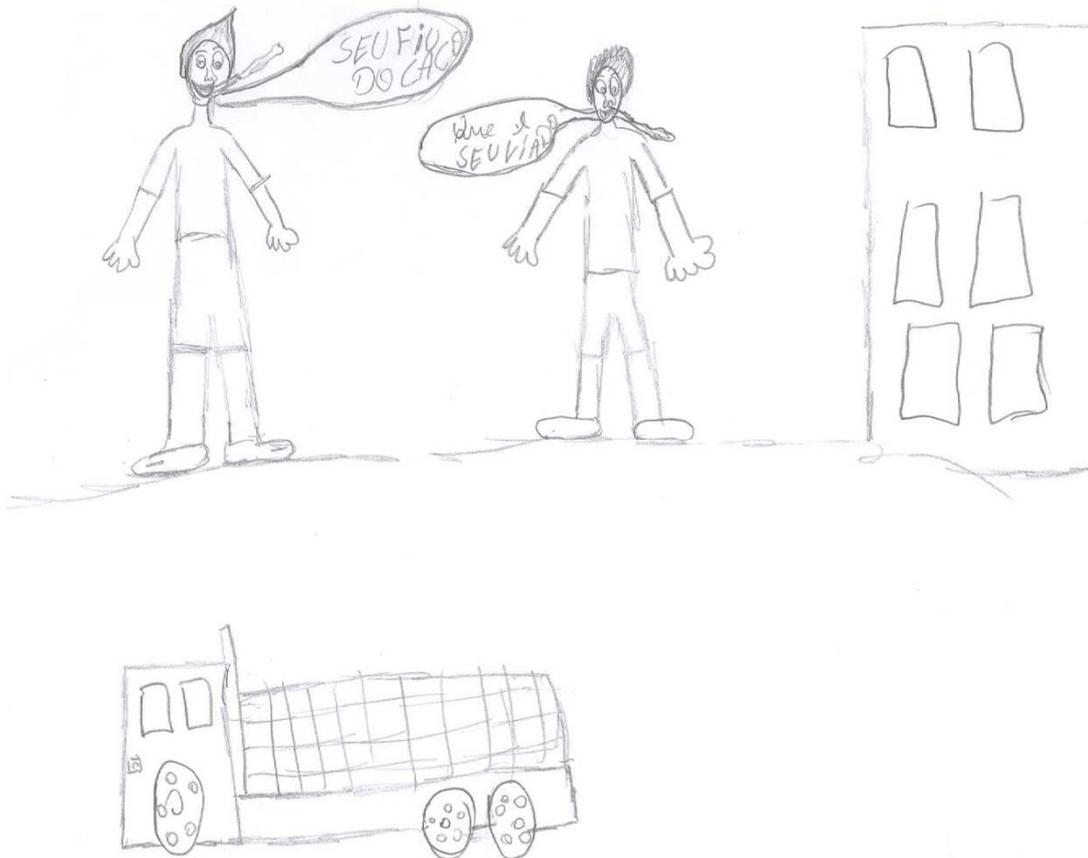


Figura 5. “Fio do canço” como marca itabaianense

Na análise etnográfica acerca dos usos de “canço”, constatamos que 60% dos entrevistados a consideram como palavrão. Nesse ponto torna-se relevante ressaltar que há influência do fator sexo nos resultados, pois 80% dos entrevistados do sexo feminino consideram como palavrão, ao passo que os do sexo masculino apenas 40% consideram. Para respaldar essa afirmativa, veja-se a ilustração da figura 6, a qual foi produzida por uma estudante do sexo feminino.



Figura 4. “Fio do canço” como marca itabaianense

A ilustração mostra que “fio do canço” é utilizado como um palavrão do mesmo nível de “viado” e do xingamento da mãe do interlocutor (“dadeira de cu”). Este dado corrobora as constatações de que a percepção feminina acerca do uso de “fio do canço” é de que este termo seja um palavrão, marca típica de itabaianense, a qual assume a função de “estereótipo”, nos termos de Labov (1972).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, mostramos alguns aspectos lingüísticos da comunidade de práticas discursivas itabaianense, mais especificamente, os usos do termo “canço”, o qual pode ser considerado como um estereótipo lingüístico. A identificação de tais marcas corrobora com as metas estabelecidas pelo Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade, na medida em que foca aspectos lingüísticos locais constitutivos de marcas identitárias da comunidade itabaianense. Estudos desta natureza são essenciais para auxiliar na elaboração de material didático e diretrizes pedagógicas para o ensino de

língua materna, de acordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- ECKERT, Penelope. **Variation as a social practice.** Oxford: Blackwell Publishing, 2000.
- LABOV, William. Building on empirical foundations. In: Winfred Lehmann; Yakov Malkiel (orgs.). **Perspectives on historical linguistics.** Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG; Marvin. **Empirical foundations for a theory of language change.** Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97- 195.